

Qualidade no Ensino



Horácio Almendra (horacio.almendra@iqe.org.br)

Colaboração: Maria Helena Braga, Maria Sidalina Gouveia, Cristina Luiza Garbuio, Maria Teresinha Figueiredo e José Gayoso.

Os jovens e a leitura

Por: Bruno Miranda

* Bruno Miranda é Coordenador de Língua Portuguesa do IQE – Instituto Qualidade no Ensino

Quando se discute a frequência da leitura entre crianças e adolescentes, é comum ouvir os mais velhos, muitos dos quais são pais e educadores, repetirem que os jovens de hoje não gostam de ler, não leem mais “como os de antigamente”, ou só se interessam por jogos e redes sociais. Em geral, quem defende essa tese argumenta que os mais novos consideram o livro um objeto antiquado e têm preferido gastar suas horas de lazer em atividades mais atraentes que envolvem as novas tecnologias.

Isso não deixa de ter algum fundo de verdade. No entanto, alguns números nos ajudam a desmontar ou ao menos relativizar esse discurso consolidado. Segundo o Publish News – portal que reúne informações sobre o mercado editorial brasileiro –, dos 20 livros mais vendidos no Brasil no ano de 2016, figuram 7 títulos infantojuvenis: Diário de Larissa Manoela; Authentic Games; A coroa; Dois mundos, um herói; Muito mais que 5 minutos; Segredos da Bel para meninas; Herobine – A lenda. Dentre esses livros, há histórias baseadas em games e canais famosos no YouTube, fenômeno novo e rapidamente explorado pelo mercado editorial brasileiro que precisa ser compreendido. Porém, na última década os milhões de exemplares vendidos das sagas Harry Potter, Crepúsculo, Divergente, Jogos Vorazes e das obras do autor John Green, como A culpa é das estrelas, mostram que os jovens continuam se interessando também por obras de ficção. Como é possível, diante desse quadro, dizer que os jovens não

gostam de ler? Talvez a pergunta que deveríamos fazer é: o que os jovens estão lendo e como devemos lidar com isso no papel de educadores?

É possível dizer que, historicamente, a escola que conhecemos, raras vezes, tem se preocupado em despertar nos alunos o prazer da leitura. Esta, em todos os anos escolares, vem sendo solicitada como uma atividade obrigatória: ou é pretexto para o ensino de gramática, ou para o trabalho com interpretação de texto, ou, ainda, para analisar obras consagradas e divididas em períodos e escolas literárias. Com isso, deixamos de aproveitar uma característica própria dos jovens: a curiosidade e disposição de descobrir novos mundos, histórias, pontos de vista, sensações e sentimentos que dialoguem com uma fase tão importante e singular como a adolescência.

Não que o ensino de gramática, interpretação de texto ou períodos literários não seja importante na vida escolar dos estudantes. Aliás, a Literatura Brasileira é fundamental para compreender a história e a sociedade brasileira, com suas belezas e contradições. No entanto, obras como Memórias Póstumas de Brás Cubas, Vidas Secas, Claro Enigma, Iracema e O cortiço deveriam ser o ponto de chegada no trabalho pedagógico com a leitura, e não a primeira experiência leitora dos jovens na vida escolar, conforme acontece em muitas escolas pelo Brasil. É como se quiséssemos construir uma casa começando pelo telhado, em vez de primeiro levantar o alicerce.

Dessa forma, sepultamos qualquer possibilidade de envolvimento com a Literatura Brasileira – e com a prática da leitura de um modo geral – quando pedimos a garotas e garotos do Ensino Médio, de 15 a 17 anos em média, que leiam obras desse porte, sem antes terem desenvolvido habilidades e com-

petências leitoras que envolvem adquirir o prazer e a fluência no ato de ler; sem que antes, por exemplo, eles aprendam a reconhecer em uma obra o gênero literário e suas características próprias, o narrador, os temas, os personagens principais e secundários, o enredo, o tempo e o espaço descritos. Além disso, é uma injustiça com autores da profundidade e riqueza de Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, José de Alencar e Aloísio Azevedo reduzir suas obras à “lista do vestibular”.

Essa base precisa começar a ser construída na Educação infantil e continuar durante todo o Ensino Fundamental, tornando o ato de ler uma prática constante entre os alunos. Para tanto, é preciso envolver, por exemplo, o trabalho com rodas de leitura, saraus de poesia, leitura dramática, diário de leitura, produção de resenhas, leitura compartilhada e individual, entre outras atividades, sempre mediadas pelo professor, que não deve ser apenas o de Língua Portuguesa, afinal, todas as disciplinas têm a contribuir para o desenvolvimento da leitura e da produção de textos em suas áreas do conhecimento. Finalmente, é indispensável que esses professores considerem os assuntos de interesse dos alunos de hoje na hora de propor títulos para serem lidos na escola, pois é necessário que a primeira experiência dos estudantes com o universo da leitura seja positiva, tenha algo a lhes dizer, esteja próxima de seu mundo, responda às questões inerentes a essa fase da vida; basta vermos o sucesso e aceitação dos livros mais vendidos. Em primeiro lugar, precisamos conquistar os jovens falando seu “idioma” e dentro de seu “território” para depois conseguirmos levá-los a leituras que talvez só a escola lhes apresentará: um continente encantador e vasto, repleto de histórias e rimas que investigam nossa condição humana, ao qual, porém, não se chega sem muito esforço e trabalho.